

AS CIDADES, A FAUNA E A FLORA DO BRASIL NO TESTEMUNHO OCULAR DE UM VIAJANTE ÁRABE

*Paulo Daniel Farah**

Resumo: O imã bagdali ‘Abdurrahman al-Baghdádi viajou ao Brasil em um navio do Império Otomano na segunda metade do século XIX. Al-Baghdádi permaneceu aproximadamente três anos no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco. No relato que escreveu sobre a experiência, o imã descreve as cidades brasileiras, sua flora, sua fauna e sua gente.

Palavras-chave: Brasil, Islam, Árabe, viagem, descrição.

Abstract: An Iraqi imam traveled to Brazil in a ship that belonged to the Ottoman Empire in the latter half of the 19th century. ‘Abdurrahman al-Baghdádi stayed about three years in Rio de Janeiro, Bahia and Pernambuco. In the book that Al-Baghdádi wrote about his experience, he describes Brazilian cities, its people, its flora and fauna.

Keywords: Brazil, Islam, Arab, travel, description.

‘Abdurrahman al-Baghdádi, o primeiro viajante muçulmano de que se tem registro a deixar um relato sobre sua visita ao Brasil do Oitocentos, tece em seus escritos uma descrição minuciosa das cidades do país, de sua fauna, sua flora e sua gente, pelo prisma de um líder islâmico. Vindo ao Brasil em um navio do Império Otomano, em meados do século XIX, Al-Baghdádi foi identificado como autoridade religiosa por muçulmanos residentes no Rio de Janeiro, onde iniciou seu relato autobiográfico.

À então capital do Império, “a mais grandiosa das cidades do Brasil”, reserva elogios: “É a capital do reino elevado: o clima é bom, a água abundante, as construções maravilhosas e foi moldada com base em premissas geométricas. Seus jardins são prazenteiros e seus passeios, perfeitos. Encontra-se a 22 graus de latitude sul e 45 graus de longitude leste, com frações de ambos os lados. O calor é intenso e o lucro no comércio, imenso. A cidade é sólida e bem construída”¹.

* Prof. Dr. da Área de Língua, Literatura e Cultura Árabe do DLO.

1. FARAH, P.D. (ed.) *Deleite do Estrangeiro em Tudo o que é Espantoso e Maravilhoso*. Argel, Caracas, Rio de Janeiro: BNA, BNV e BNR, 2007, p. 62.

Al-Baghdádi permaneceu no Rio de Janeiro, que abrigava o governo e o setor militar, durante aproximadamente um ano e meio, em um momento em que a cidade passava por transformações na infra-estrutura e em que praças e parques eram reformulados e novas construções erguidas em ritmo de urbanização acelerada. Pouco tempo após a visita do imã bagdali, em 1872, conforme o censo daquele ano indica, moravam na cidade 274.972 pessoas, das quais 48.939 escravizadas. Entre outros temas, o imã descreve o processo de despersonalização e recriação das identidades a que eram submetidos os escravos.

Ao explicar como os habitantes do Rio de Janeiro se alimentavam, diz que “seus moradores não conhecem o cultivo do trigo e da cevada, e não há entre eles ninguém que esteja bem informado sobre isso. Comem farinha ², e ela é a companheira deles. Trata-se [a mandioca] de uma espécie de planta parecida com a faia. Cultivam-na na planície. Quando alcança o grau de amadurecimento correto, eles a trituram para transformá-la em farinha em pó. É barata, e tanto ricos quanto pobres a comem igualmente. Substitui o trigo porque contém uma substância amilácea e de digestão muito rápida. Eu parei de comer pão de farinha de trigo, ainda que exista neste país, mas [o trigo] é trazido de fora e não se cultiva nesta terra. A farinha não é servida como pão. Se for posta em um molho de carne quente, fica parecida com a ‘aÆida³ e é comida como um caldo, com arroz e outros alimentos... O alimento da maioria das pessoas é a carne bovina. Eles não valorizam a carne de ovelha nem a de cabrito”⁴.

Al-Baghdádi informa que a parada e a permanência no Rio de Janeiro não haviam sido planejadas, mas fruto de uma seqüência de tempestades. O comandante não tomara providências no que diz respeito à questão financeira e precisou pegar dinheiro emprestado em um banco do Rio de Janeiro para os reparos no navio, para a alimentação e para outros gastos relacionados à viagem. O consulado inglês serviu de intermediário para essa transação.

O imã escreve extensamente sobre o Brasil. Acerca do processo de sua ocupação, afirma que se trata de “um território que pertence à América do Sul. Foi conquistado pelos filhos de Portugal, que despenderam um grande esforço para erguer e embelezar suas construções e sua arquitetura. Depois disso, nomearam um dos filhos de seus reis para governar o país. Mas ele se apoderou [do governo

2. O autor utiliza a transliteração em árabe da palavra farinha (خبز).

3. Espécie de mingau feito de farinha. Come-se – sobretudo no café da manhã ou em épocas festivas – com azeite e mel (ou açúcar) ou com grão-de-bico, lentilha e fava, entre outros alimentos que normalmente são triturados para servir de acompanhamento à ‘aÆida.

4. FARAH, P.D. (ed.), op.cit., p. 63.

do Brasil], opôs-se ao pai e tornou-se independente dele”⁵. E, à margem do texto, complementa: “Eu acredito que o motivo da denominação Brasil é que este é o nome de uma árvore da qual se extrai uma tinta vermelha chamada *Brazuh* no idioma dos estrangeiros. Com ela, pinta-se a lâ – e Deus sabe mais. A primeira vez em que essa região foi descoberta e passou a ser conhecida foi no ano de 1500 da era cristã. Conta-se que, antes disso, o povo de *Djín* já a conhecia – e Deus, o Excelso, sabe mais”⁶.

O líder religioso também afirma que o país, “atravessado de oeste a leste pelo Rio Amazonas, o maior rio do mundo... que avança a água doce mar adentro por uma longa distância”⁷, possuía 40.000 militares, cerca de 85 vapores, navios de guerra e navios mercantes.

Descrição da paisagem

Em seu relato, o imã descreve a paisagem, tema indissociável da experiência do viajante do século XIX, e as cidades brasileiras pelas quais passou em suas missões de cunho didático: o Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

São nítidos no texto a sensação da grandiosidade do universo e o encanto que a floresta virgem – e os seres que nela habitam – despertam em Al-Baghdádi. Em uma seção reservada à “floresta que se estende do Brasil até o Sul da América”, afirma que “nestes reinos há uma floresta famosa cujo interior não se sabe o que abriga por causa da água abundante, de suas densas árvores, de seus animais selvagens estranhos e de seus grandes perigos. Mesmo que um cavaleiro eficiente cavalgasse ao lado da floresta durante um mês, noite e dia, não alcançaria seu final nem sua magnitude. E o mesmo vale para sua amplitude, conforme relataram os habitantes dessa terra (...) Observa-se, naquela floresta, durante a noite e à distância, uma luz como [a de] tochas. Diz-se que é a luz do ouro e das pedras preciosas. E há predadores ferozes, da espécie do tigre e da pantera, e vários tipos de macacos pequenos e diversos animais selvagens e estranhos”⁸. Sobre as riquezas materiais, elabora: “O Estado utiliza papel-moeda por causa da escassez de ouro e de prata. A princípio, tinham esses dois metais, mas se diz que eles se esgotaram. E [o Brasil] possui uma quantidade enorme de dívidas”⁹.

Al-Baghdádi descreve com curiosidade evidente os “povos selvagens de

5. *ibid.*, p. 95.

6. *ibid.*

7. *ibid.*, p. 96.

8. *ibid.*, p. 110

9. *ibid.*, p. 80.

humanos na América” e oferece uma explicação que revela o imaginário em torno da representação dos indígenas, o qual se compõe de seres maravilhosos cuja referência remonta a tempos longínquos: “Nestas terras, há grupos de seres humanos que descendem dos habitantes deste país que não foram civilizados nem subjugados. Os reis dos Estados não puderam comandar uma guerra contra eles porque não conseguem se defender. Eles vivem no interior da floresta e no campo aberto. Mantêm-se à sombra das árvores, como [se fossem] abetardas, com os corpos desnudos, de constituição grande e pés exageradamente grossos, que se distanciam da proporção de seus corpos. Contaram-me que, quando chove, abaixam a cabeça até o chão, erguem os pés¹⁰ e os utilizam como um guarda-chuva para se protegerem. Fazem [os pés] o que ele [o guarda-chuva] faz e evitam que seu dono se molhe (...) As mulheres possuem extrema beleza, seus cabelos vão até abaixo do joelho e prevalece neles um tom prateado e dourado”¹¹.

A respeito de Salvador da Bahia (cuja pronúncia descreve minuciosamente: “[pronuncia-se] com duplicação do ‘yá’ vocalizado em ‘a’ no paradigma de ‘arabiyya¹²”), afirma que “é pequena em retidão, grande em extensão¹³ e intensa no calorão¹⁴. Encontra-se a 17 graus e algumas frações de latitude sul e 38 graus e algumas frações de longitude oeste. Sua população em geral come farinha”¹⁵.

Nessa cidade, Al-Baghdádi viu uma grande gaiola de prata repleta de pássaros de diversas espécies. O imã ganhou um papagaio que o impressionou ao imitar a convocação à oração. “Com frequência, ouvia minha convocação à oração e logo a decorou pela observação, pois era rápido na compreensão e na imitação. Mas não respondia sobre o passado com exatidão”¹⁶, informa. Os papagaios eram exportados do Brasil para muitos países, de acordo com a explicação do imã.

10. A referência aos seres de pés grandes já aparece em Plínio, o Antigo (23-79 d.C.), *História Natural*, livro VII. Diversos autores dos séculos XVI, XVII e XVIII mencionam seres maravilhosos como esses. Ver ALDROVANDI, Ulysses, *Monstrorum historiae, cum paralipomenis historiae omnium animalium*, Bononiæ, 1642; BARTHOLIN, Thomas, *Historiarum anatomicarum rariorum centuriae I et II*, Hafniae, 1654-61; NIEREMBERG, Juan Eusébio, *Historia naturæ, maxime peregrinæ, libris XVI distincta*, Antuerpiæ, 1635; ROBINET, Jean-Baptiste, *Considérations philosophiques de la gradation naturelle des formes de l'être, ou les essais de la nature qui apprend à faire l'homme*, Paris, 1768.

11. FARAH, P.D. (ed.), op. cit., p. 121

12. Al-Baghdádi translitera a palavra Bahia em árabe (بِهْيَابَا) com o uso de uma *hamza* (ء) e a indicação de uma °*adda* (◌) e da vocalização em *fat@*a (◌). Ademais, ao informar ao leitor que o paradigma para a pronúncia é a palavra ‘arabiyya (ءبِيرء), indica a tônica do topônimo.

13. Há um trocadilho entre *birr* (benevolência, fidelidade, bem-fazer, retidão) e *barr* (terra, terra firme). Em árabe, a grafia dessas palavras é idêntica, pois Al-Baghdádi não registra os diacríticos.

14. A frase se completa com a rima entre *barr* (terra) e @*arr* (calor).

15. FARAH, P.D. (ed.), op.cit., p. 84.

16. *ibid*, p. 85.

Outro animal que despertou sua atenção foi a baleia, cuja pesca, bastante rentável, observou em um navio a vapor. “Nela [na baía de Todos os Santos, a maior baía do Brasil], pesca-se um grande peixe, que é chamado entre eles de ‘baleia’ – [pronuncia-se] no paradigma de *máhiyya* com duplicação do ‘yá’¹⁷. A grande [baleia] é vendida por cerca de mil libras e por menos que isso se vende a pequena. Quando uma foi pescada, eu subi no vapor e fui até lá para observá-la. Vi um animal espantoso cuja cabeça tinha a metade de seu corpo aproximadamente... É extremamente forte ao defender-se, sobretudo caso sua fêmea seja pescada primeiro. Em tal caso, pode destroçar o barco, sem desistir, até salvá-la.

Retira-se do cérebro desse animal uma quantidade de quarenta barris de óleo, e de alguns se extraem mais, como eu mesmo observei. E todos aqueles que pescam recebem remuneração [fixa] dos comerciantes. E na pesca fazem uso de estratégias que deslumbram os pensamentos”¹⁸, relata.

Comparação entre as frutas locais e as árabes

O imã bagdali fala da grande variedade de frutas que encontra no Brasil e se impressiona com seu aspecto, sabor e diversidade. Ele afirma que há no país cinquenta variedades de frutas inexistentes no Oriente, “à exceção de uvas, romãs e cocos, que são extremamente comuns e baratos”. Ao descrever as frutas brasileiras, procura compará-las à noz, à romã, à tâmara e à uva, entre outras.

Em uma provável referência à jaqueira (*Artocarpus heterophylla*), diz: “Neste país há uma árvore do tamanho da grande nogueira; ou melhor, é ainda maior. Possui frutos maiores do que a abóbora, pendurados no tronco e nos grossos galhos da árvore. A parte externa assemelha-se à pele de um crocodilo e seu interior, a olho, tem o aspecto de uma romã, embora a semente seja como uma tâmara, e no interior de cada semente há um núcleo semelhante [à semente]. Seu sabor se parece com um doce feito de farinha e mel”¹⁹.

Em seguida, afirma que no Brasil “há um fruto que se assemelha a um marmelo na cor e no tamanho. Nada nele é comestível; é como uma esponja cheia de água. Tem uma única semente que a separa dos galhos da árvore. Naquela água, prevalece a acidez, então a adoçam com açúcar. Assim, ela causa na boca o mesmo efeito que a essência de menta, mas é mais gelada por dentro e mais benéfica”²⁰. O autor parece descrever o caju, fruto do cajueiro (*Anacardium occidentale*).

17. Al-Baghdádi translitera a palavra “baleia” em árabe (باليه) e indica a ocorrência de uma *’adda* (□) sobre o “yá” para facilitar a pronúncia.

18. FARAH, P.D. (ed.), op.cit., p. 85.

19. ibid, p. 97.

20. ibid, p. 97.

Nessa seção reservada às frutas, afirma ademais: “O que se relatou sobre a origem de uma árvore como um grão semeado no cérebro de um ser humano creio tratar-se de mitos desses povos. E Deus, o Excelso, sabe mais”²¹.

Ao ver peles de cobra à venda e transmitir as histórias que ouviu acerca da sucuri, Al-Baghdádi exalta o Criador (“Sublime é o Criador, que exalta o que Ele quer e o que Ele escolhe, isento, em suas ações, de tolice e artificialidade”). A respeito das sucuris relata que “engolem um grande touro e (...) quando elas enchem o estômago de alimento, adormecem e ficam como uma grande montanha”. Embora a maioria dos cientistas considere fruto da fantasia popular a informação de que tais cobras possam comer um boi, de fato elas se alimentam de animais como capivaras, jacarés e veados. Ademais, antes da presença humana intensa nas regiões de seu hábitat, tais cobras poderiam ter vida mais longa e até se desenvolver mais. As sucuris costumam medir aproximadamente 8 metros, mas já foram encontradas espécies com até 11 metros e mais de 400 kg.

A terceira cidade visitada por Al-Baghdádi, Recife, cativou sua atenção pela “inclinação para os quadrados mágicos, a geomancia, a numerologia e o sentido místico das letras”, pelo calor intenso e pela industrialização. “Esta cidade é mais quente que a primeira e fica a oito graus da linha do Equador. Se o Sol brilhasse continuamente, queimaria os habitantes, mas, devido à sabedoria do Uno, do Benfeitor, sempre chove (...) Há nesta cidade uma ponte²² de ferro sobre uma baía ampla; seu comprimento é de cerca de uma milha e sua largura, de quinze braças. E é um prodígio para a contemplação. Os moradores em sua totalidade não exercem nenhum trabalho durante o dia. E os que executam os serviços são os negros porque têm uma capacidade extraordinária de suportar o calor intenso, ao contrário dos brancos. Todos os habitantes são grandes comerciantes, possuem fábricas e têm grandes conhecimentos sobre as indústrias. Nesta cidade, há diversos fortes, cidadelas e construções fortificadas”²³.

O imã passou seu terceiro Ramadã em Pernambuco (o primeiro foi no Rio de Janeiro, onde também presenciou a Páscoa, e o segundo, na Bahia) antes de iniciar a viagem de retorno rumo a Damasco e, posteriormente, a Istambul, seu destino final.

21. *ibid*, p. 98.

22. Referência provável à Ponte Santa Isabel, situada sobre o rio Capibaribe. Inaugurada em 1863, foi idealizada pelo arquiteto francês Louis Léger Vauthier e construída pelo engenheiro inglês William Martineau. Trata-se da primeira ponte de ferro de Recife.

23. FARAH, P.D. (ed.), *op.cit.*, p. 113.